

TRADIÇÃO E TRADUÇÃO: IDENTIDADE, CULTURA, MEMÓRIA

Rosângela Cidreira de Jesus¹

RESUMO

O artigo aqui apresentado resultou de leituras e pesquisas sobre a vida e a obra de EUCLIDES José Teixeira NETO (1925-2000), mais especificamente sobre o romance **Os magros** (1961), como também de um instrumental teórico sobre memória (Halbwachs, 2006), identidade (Hall, 2005) e cultura (Geertz, 2008); metodologicamente, o texto se estruturou a partir de uma revisão bibliográfica temática. A proposta é estudar a narrativa de **Os magros**, observando a maneira pela qual o autor *traduz* aspectos culturais da Região Cacaueira. Objetiva-se aqui, então, revisitar a Região do Cacau, identificando seus elementos específicos.

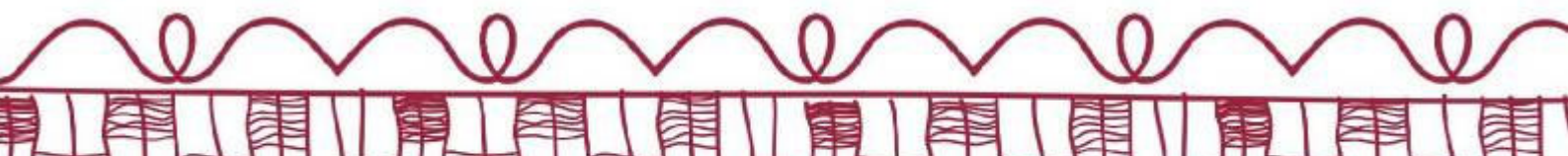
PALAVRAS-CHAVES: Memória, Identidade, Cultura, Literatura.

1. Considerações Iniciais

Inicia-se o presente artigo, tecendo reflexões sobre o estudo proposto, TRADIÇÃO E TRADIÇÃO: identidade, cultura e memória. Pela análise do resumo, percebe-se que o objeto deste estudo é o romance **Os magros**, do grapiúna Euclides José Teixeira Neto, mais conhecido como Euclides Neto. Sendo esse o fio condutor para a discussão que se estabelecerá em torno da identidade, da memória, da cultura da Região do Cacau. A cada temática abordada no decorrer deste artigo, um referencial teórico específico será utilizado.

No que concerne ao conceito de identidade presente neste estudo, o referencial teórico é Stuart Hall e sua concepção dinâmica do tema. A partir disso, torna-se importante pensar, também, na forma como são construídas essas identidades, e mais especificamente, a identidade cultural da Região grapiúna:

¹ Estudante do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (rocidrei2@hotmail.com)



“Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.”(HALL, 2005,p.39)

Com concentração na premissa presente no livro de Halbwachs, **A memória coletiva**, de que o indivíduo não pode pensar em nada, apenas por si mesmo, mas pelos outros e para os outros, pois é por meio do coletivo que se busca o universal, desenvolve-se aqui, neste artigo, a abordagem sobre memória. A memória como tradição, no sentido primeiro da expressão, como a presença do passado, como um elemento constituinte da identidade. Uma memória que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num determinado contexto, aqui, especificamente no contexto da Região do Cacao.

“... se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas.”(HALBWACHS, 2006,p.29)

Em relação à cultura, emprega-se aqui o conceito desenvolvido por Geertz, em seu livro **A interpretação das culturas**. Para ele, a cultura é vista numa perspectiva semiótica, como uma ciência interpretativa à procura de significado. Segundo Geertz, a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, processo dinâmico de relações simbólicas.

Conclui-se que, para desenvolver as reflexões pertinentes em torno de cultura, identidade e memória, foi necessário repensar definições solidificadas, como o conceito de identidade, que perde um sentido estável e ganha uma dimensão dinâmica e plural. Redimensiona-se também o estudo cultural, inserido num espaço regional híbrido, mesclado e miscigenado: a região grapiúna.

2. Os magros (1961), de Euclides Neto: a obra se apresenta

Os magros é um dos romances do escritor, ainda pouco conhecido pela academia, mas de notório domínio do saber literário: Euclides José Teixeira Neto ou Euclides Neto.

É o primeiro romance de Euclides Neto que, segundo Eliéser César (2003, p. 14), pertencem à TETRALOGIA DOS EXCUÍDOS (os outros três são **O patrão**, de 1978, **Machombongo**, de 1986, e **A enxada e a mulher que venceu o próprio destino**, de 1996). Com a técnica do contraponto, por meio da qual alterna as cenas e as histórias de uma família de um fazendeiro, rico proprietário de terras, e de um trabalhador rural; duas narrativas paralelas se constroem em **Os magros**, a primeira, que nomeia a obra, é a dos magros trabalhadores de aluguel numa roça de cacau; e a segunda é a dos gordos, ricos e proprietários. **Os magros** possuem 39 blocos narrativos; nos blocos ímpares o escritor narra as desventuras de João; e, nos blocos pares, há o relato das (a)venturas do doutor Jorge, proprietário da fazenda de **Os magros**.

Em 1960, década da publicação do romance **Os magros** e da gestão de Euclides Neto enquanto prefeito de Ipiaú-BA (1963-67), aumentam as reivindicações dos movimentos socialistas, assustando os setores nacionais conservadores. Euclides Neto já tinha entrado em contato com essas idéias desde seu curso secundário, e certamente, essas idéias influenciavam sua trajetória política e literária. Sendo assim, Euclides Neto faz de **Os magros** um vigoroso documento de denúncia social da exploração existente nas terras de cacau do Sul da Bahia.

“Foi durante o curso secundário e universitário que ele entrou em Contato com os ideais socialistas, sendo a partir daí, uma influência direta na sua trajetória. Traços desses ideais estão presentes na sua produção literária, em sua atuação como advogado e em sua gestão como prefeito de Ipiaú(1963-67) (MENDES 2006,p.227)

O autor apresenta em **Os magros**, ora cenas da família de João, um trabalhador rural que sofre, com sua mulher e oito filhos, as conseqüências de uma vida pobre, explorada e sempre ameaçada pelo desemprego, pois as fazendas de cacau não admitiam trabalhadores que tivessem muitos filhos. Ora, apresenta cenas de uma família de um fazendeiro, Dr. Jorge, proprietário da fazenda Fartura, fazenda onde João trabalha e é constantemente explorado.

Oito meninos, abaixo dos doze anos, amontoavam-se pelo chão forrado com esteiras esfiapadas. Estavam quase nus. Encolhidos, tinham os joelhos perto do queixo. As mãos procuravam quentura entre as pernas. Com o movimento do pai, mexeram-se na semi-escuridão. Os menores choravam ou grunhiam. Dois batiam dentes. Outro disse um palavrão. Havia cheiro de terra molhada com urina.(NETO, 1992,p.1)

A fazenda Fartura, nome que se contrapõe à situação de miséria vivida na fazenda pelos trabalhadores, e obviamente por João, localiza-se em Ipiaú (BA), cidade que fica situada nas proximidades de Ilhéus (BA) e Itabuna (BA). Seu processo de ocupação urbana foi resultado principalmente da expansão da lavoura cacaeira.

No atual contexto pós-moderno, inseridos no processo de globalização, os mundos culturais estão sendo continuamente transformados, assumindo concepções deslocadas; além disso, a lavoura cacaeira encontra-se em plena crise, logo se faz necessário uma reflexão acerca da identidade e conseqüentemente da memória dessa região grapiúna, a fim de repensar sua ligação com a monocultura do cacau.

3. Tradição e tradução: a memória e a contemporaneidade

O processo de globalização instiga o homem a compreender seu passado, também aí se insere a luta empreendida pelos diversos movimentos sociais no intuito de alargar o conceito de cidadania. Assim, reclamam o estudo da identidade, alargando ainda mais o interesse pelo estudo da memória.

A memória vincula-se à tradição, à presença do passado. Precisa ser constantemente alimentada, transmitida, para que se mantenha, para que não se perca nas discontinuidades da contemporaneidade. Fazer uma simples referência ao passado é um ato que mantém preservada a memória. A memória, para sobreviver, precisa de ritos e ordenações, ao contrário do esquecimento que ocorre de uma forma natural e espontânea. Nesse sentido, entende-se que para:

“Caracterizar certas práticas ou modos de perceber o mundo como tradicionais equivale a defender a sua manutenção, pois a idéia de tradição é inseparável da de transmissão: o conceito dicionarizado é o de conhecimentos, práticas e valores transmitidos de geração em geração, oralmente ou pelo hábito.”(MARIANO,2009,p.143)

Baseado no conceito de *lugares-de-memória* de Pierre Nora, o texto literário empenha-se também em revisitar esse passado, tornando-se também em um

lugar-de-memória. Nesse sentido, é fundamental o entendimento amplo do conceito, que abrange:

museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuário, associações (...). Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993,p.13)

O passado não existe mais, ele é reinventado, no presente, pelo texto literário. A memória, nesse caso, não é imediata (tradicional), ela é transformada, considerando que a literatura torna-se, assim, fonte de testemunhos, documentos, vivências.

A memória é uma construção humana, datada, que enraíza-se no concreto. Em **Os magros** há uma concretização da memória, tornando visível e, de certa forma, real, a identidade do povo grapiúna, mais especificamente do povo da região de Ipiaú(BA), local onde a narrativa é contextualizada.

No fundo, a lama escura esverdeada, a pimenteira, o pé de jiló e o penico de barro encostado à parede. Na frente, o terreiro estreito. Em volta, as matas, capoeiras e cacaueiros da fazenda fartura, situada no município de Ipiaú.(NETO,1992,p.2)

Existe uma concordância sobre a necessidade de se preservar o passado, pois a identidade tem no passado o seu lugar de construção.A identidade se constrói na memória. O texto literário, enquanto *lugar-de-memória*, preserva a união, uma lembrança constante de uma raiz identitária comum. Esse sentimento de pertença a um dado espaço social caracteriza a memória coletiva.

Todas as lembranças são constituídas no interior de um determinado grupo, logo toda a memória individual existe a partir de uma memória coletiva. Cada idéia e reflexão existente em cada indivíduo é, na realidade, inspirada no grupo.

O sentimento de pertença que caracteriza a memória coletiva assemelha-se ao estado de comunhão que define *as comunidades imaginadas*:

“Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.” (Anderson,2008,p.32)

Sentir-se pertencente, membro de uma determinada cultura é *identificar-se* com ela. A questão da identidade tem sido muito discutida ao longo do tempo, embora “o próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.”(HALL, 2005, p.8)

Os traços *identitários* de cada região estão sendo transformados freqüentemente, assim também os que se referem à identidade cultural da Região Grapiúna, principalmente devido aos sistemas de comunicação globalmente interligados, as imagens e influências da mídia e a velocidade de informações e, mais especificamente na Região de Ipiaú, tem-se ainda, aliado a todos os fatores anteriormente expostos, a descoberta da maior mina de níquel ocorrida nos últimos dez anos na América Latina. Assim, entende-se que as peculiaridades identitárias regionais estão, cada vez mais, expostas a influências externas, possibilitando possível descaracterização.

Assim, vale destacar que “a discussão sobre identidade cultural _ definir a si próprio partindo de uma inserção cultural, coletiva, grupal _ é um tema importante e polêmico no momento atual.”(MARIANO, 2009, p.25)

O que significa ,então, no discurso da *identidade cultural* ,sentir-se parte da Região Grapiúna, estar integrado, identificar-se? Uma das possíveis respostas é a *tradução* que Euclides Neto realiza na obra em análise, **Os magros**, das práticas e dos valores que regem a identidade cultural grapiúna, entendida como “...aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.”(HALL, 2005,p.8)

ASPECTOS TEMÁTICOS

A narrativa **Os magros**, de Euclides Neto, enuncia um modo grapiúna de ser e viver, através de descrições de diferentes aspectos e qualificativos próprios da cultura Cacaueira. Esse modo de ser e viver, a cultura, é um processo dinâmico e de

relações simbólicas que os homens tecem o tempo todo: “ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.”(GEERTZ, 2008,p.24).

Apesar da existência de uma diversidade de aspectos peculiares à Região Cacaueira, os temas selecionados são os mais referidos pela maioria dos literatos e cronistas. São os temas da religiosidade, da alimentação e alguns traços psicológicos que caracterizam a “grapiunidade”, referência indireta feita aqui ao termo baianidade, modo de ser dos homens e mulheres naturais da Bahia.

TIPOS SOCIAIS DA “GRAPIUNIDADE”

O coronel, proprietário das fazendas de cacau, é um tipo social peculiar da Região Grapiúna. Geralmente, ao contrário dos senhores-de-engenho, residem na cidade e delas dependem para compra de alimentos e outros objetos. Em **Os magros**, Doutor Jorge, herdeiro do antigo coronel, proprietário da Fazenda Fartura, reside em Salvador, numa luxuosa mansão, e raramente vai à fazenda para administrá-la, entrega todos os cuidados da roça ao capataz, aguardando apenas a remessa dos lucros para a sua conta bancária.

“Doutor Jorge, que andava atrás de suas pedras, pagava uma fortuna por um brilhante vermelho. Raramente ia às fazendas. Chegara a possuir escritório de advocacia bem montado, elegante, mas nunca aparecera lá. As aranhas tomavam conta. Preferia mirar e remirar as jóias.(NETO, 1992, p.10)

O trabalhador das roças de cacau é um outro tipo social da Região Grapiúna. Na narrativa em análise, os trabalhadores são seres explorados, não ganham salário digno e vivem em extrema pobreza.

João, sua esposa Isabel, oito filhos e a cachorra Sereia vivem miseravelmente na Fazenda Fartura: “João era agregado: magro, pálido, olhos afundados nas órbitas cavadas. Barbicha rala de muito tempo, o cabelo crescido, encobrindo as orelhas.”(NETO, 1992,p.2). A magreza de João e dos outros trabalhadores dos

cacauais sinalizam a exploração desenfreada exercida pelos coronéis, segundo a *tradução* influenciada pelas idéias socialistas de Euclides Neto.

RELIGIOSIDADE

O espaço religioso da baianidade é um tipo de prática cultural marcada pelo sincretismo. Segundo Canclini (1997), o sincretismo é um dos processos existentes de *hibridação*. O termo *hibridação* abrange diversas mesclas interculturais: raciais, religiosas, por exemplo.

A mistura, para alguns, foi um resultado natural da convivência entre tradições muito ricas: a católica, a ibérica e a africana. A Região Grapiúna, inserida na Bahia, obviamente também apresenta o sincretismo religioso. A referência a esse tipo de prática religiosa é constante, principalmente em canções e em outros romances que *traduzem* as peculiaridades dessa Região.

No romance **Os magros**, a preocupação maior de Euclides Neto não é *traduzir* o sincretismo religioso característico da “grapiunidade”, mas apresentar o discurso religioso como um incentivo à resignação do trabalhador, constantemente explorado: “Mas... Deus dá o frio conforme o cobertor, consolava-se.”(NETO, 1992,p.17). Nesse sentido, a religião apresenta-se como modeladora da ordem social “tal como o fazem o ambiente, o poder político, a riqueza, a obrigação jurídica, a afeição pessoal e um sentido de beleza.”(GEERTZ, 2008,p.136)

ALIMENTAÇÃO

Os hábitos alimentares é uma prática constantemente citada por escritores. Condimentos, alimentos em estado natural ou preparados, salgados ou doces são descritos, elogiados e avaliados. As tradições alimentares contribuem para a construção de uma identidade grupal.

Nas fontes literárias há boa referência ao tema em Jorge Amado, que enfatiza a riqueza da culinária baiana: “ Aí está esse prato fino, requintado, da melhor cozinha, quem o fizer pode gabar-se com razão de ser cozinheira de mão cheia”(AMADO, 1983, p.41)

Na obra em análise, **Os magros**, de Euclides Neto, a alimentação, assim como o consumo para Canclini (1997), torna-se basicamente uma área para comunicar e instaurar as diferenças de classe ou diferenças sociais. Para os magros, explorados e para os trabalhadores, a comida é praticamente inexistente:

‘Gostaria de comer carne fresca, sangrenta. Uma rabada de novilha gorda. Mas somente no São João pudera comprar meio quilo de ossos frescos. Roera-os com sofreguidão. Quanto ao mais, a mesma coisa: farinha com um taco de carne assada. Malagueta ou cumarim. Um gole d’água e pronto”(NETO, 1992, p.3)

Entretanto, para os gordos, para o proprietário da Fazenda Fartura e sua família, há uma alimentação mais rica e diversificada:

“Doutor Jorge sentou-se em uma. Dona Helena em outra, e Rose Marie foi posta na terceira. Quatro bules fumegavam: café, leite, toddy e chá. Através de frascos bojudos, viam-se biscoitos arrepiados de açúcar cristal. O mais: quejeira, bananas fritas, cozidas, pão, aipim, bolos recheados com ameixas, geléia e outras guloseimas.”(NETO, 1992, p.5)

Nas sociedades grapiúnas, não existe a superioridade por sangue nem por título de nobreza. A estrutura social e a organização econômica advém do cacau, o coronel grapiúna, por exemplo, foi um trabalhador de origem humilde que evoluiu econômica e socialmente.

4. Considerações finais

A descoberta da maior mina de níquel, a decadência da lavoura cacauera e as transformações inerentes às mudanças contemporâneas contribuem para a descaracterização da identidade regional grapiúna, no caso em estudo, da região de Ipiaú.

Em Ipiaú (BA), os processos de hibridação têm sido constantes e freqüentes, uma nova realidade surge como consequência da descoberta do níquel. A cidade de Ipiaú atual pouco se assemelha à cidade do saudoso Euclides Neto. Afinal, o cacau era a lei da região de Ipiaú, assim como de toda a região grapiúna. Quem possuía o cacau, fruto sagrado da cor de ouro, detinha o comando da cidade e até da região. Tudo podia e fazia. Surge, então, a figurado coronel: proprietário de muitos cacaueros, detentor de um poder sagrado. Entretanto, na atualidade, o cacau perdeu seu vigor econômico do passado e sua civilização, devido também ao processo de globalização, está se perdendo na história e no espaço mundial. Estudar a região do cacau, repensando suas características e processos específicos de hibridação, é uma forma de permitir sua existência nas descontinuidades da vida pós-moderna..

5. Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos. Dona Flor e seus dois maridos.*

Rio de Janeiro: Record, 1983.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** Trad. Denise

Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.* Trad. Heloísa Pezza Cintrão., Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1997.

CÉSAR, Elieser. **O romance dos excluídos; terra e política em Euclides Neto.** Ilhéus: Editus, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC,

2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz

da Silva, Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro; DP & A, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo Centauro, 2006. MENDES, Sandra Regina e Anjos, Dílson Araújo(org). **Ipiaú: histórias de nossa histórias**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006.

NETO, Euclides. **Os magros**. 2 ed. São Paulo: Guena & Bussius, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, n 10, 1993, pp.07-28.